

DA CLÍNICA À PUBLICAÇÃO - O VALOR DA ESCRITA EM PSICANÁLISE ¹

| MARIA HAYDÉE AUGUSTO BRITO ²

RESUMO

Esse trabalho é uma reflexão sobre o valor da escrita em psicanálise, pois, além de contribuir para melhor compreensão da clínica psicanalítica, a escrita é uma atividade imprescindível para o desenvolvimento da psicanálise. O trabalho examina o fato de serem poucos os psicanalistas que publicam e analisa alguns fatores que podem dificultar o exercício de escrever para a maioria dos psicanalistas. Sublinha a necessidade de que as dificuldades sejam contornadas, para que não se percam novos ângulos ou diferentes conotações que poderiam vir a expandir mais o conhecimento psicanalítico que, como o das outras ciências, precisa estar continuamente se oferecendo a desdobramentos, aprofundamentos e inovações para não correr o risco de estagnação.

Palavras-chave: Psicanálise. Escrita. Conhecimento psicanalítico.

ABSTRACT

This work is a reflection on the value of writing in psychoanalysis. Beyond its contributions to a deeper understanding of psychoanalytic practice, writing is also an activity indispensable to the development of psychoanalysis itself. An examination is conducted into the fact that publishing psychoanalysts are so few and an analysis is carried out of some factors which may hinder the exercise of writing for that non-writing majority. The need for such difficulties to be ameliorated is underscored, so that new angles and different connotations are not lost which might come to enhance psychoanalytic knowledge which, like any scientific field, must constantly offer itself to developments, enhancements and innovations lest it incur the risk of stagnation.

Keywords: Psychoanalysis. Writing. Psychoanalytic knowledge.

1 Trabalho apresentado na IV Jornada de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR, em setembro de 2019.

2 Médica. Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR.

Pensar sobre a escrita em psicanálise remete aos modos que o ser humano desenvolveu de conhecer o mundo e a si mesmo, os quais se expressam como mitologia, sabedoria popular, filosofia, ciência, entre outros. O que caracteriza cada um desses modos é o método usado na construção do conhecimento, quer dizer, depende da posição, na qual o sujeito se encontra em relação ao objeto que pretende conhecer. Isso possibilita que a arte, em geral não considerada como via formal para o conhecimento, possa enveredar pela vertente do conhecer, como se dava para Pablo Picasso quando ele afirmava que sua pintura não se destinava a distrair ou divertir, ao contrário, com o desenho e a cor como armas, intentava aprofundar o conhecimento do mundo e do ser humano (Plazy, 2010).

Esse aprofundamento talvez seja o objetivo de quase todas as áreas do conhecimento. A psicanálise também se aprofunda em conhecer o ser humano, mas tem sido questionada como ciência e há quem a compreenda como filosofia ou como arte. Freud, no entanto, desde o início, inscreveu a psicanálise no âmbito da ciência, e seguiu reafirmando essa posição até seus últimos textos (Mezan, 2007), o que leva esse trabalho a partir da ideia de que ir da clínica à publicação em psicanálise é fazer comunicação de natureza científica.

Freud (1923/2006) sintetizou o conceito de psicanálise em três dimensões distintas, mas inseparáveis e sincrônicas: um método de tratamento e, ao mesmo tempo, de investigação sobre a alma humana (Seele), cujos achados clínicos e conceituais formam o corpo teórico de uma disciplina. Ele demonstrou a construção de cada uma dessas dimensões e das interseções entre elas, claramente, ao escrever de forma prolífica, publicando mais de 320 diferentes livros, artigos e ensaios. O inventor da psicanálise legou aos psicanalistas não somente um conjunto de técnicas e teorias, mas também a abertura feita pela escrita, por meio da qual a psicanálise foi criada, cresceu e vem se desenvolvendo, como denotam textos pós-freudianos escritos por Firenze, Klein, Winnicott e Bion, dentre tantos outros.

Pode-se afirmar que o conhecimento psicanalítico, além de ser transmitido, formando novas gerações de psicanalistas, oferece-se a desdobramentos,

aprofundamentos e inovações. E isso somente ocorre quando os psicanalistas evoluem no caminho aberto por Freud, caracterizado por observação atenta e pela reflexão transmitida aos pares especialmente por meio da escrita.

É curioso como a imagem do analista é associada à escrita em inúmeros desenhos, quadrinhos e charges, que podem ser observados na Internet, nos quais o analista aparece tendo nas mãos caderno de notas e caneta. Pode-se conjecturar, a partir disso, que talvez os desenhistas captem com sua intuição que o ato de escrever componha o método freudiano – o que não significa que escrever faça parte do ato psicanalítico em si, no momento da sessão. Não faz. Mas há analistas que, em estado de atenção flutuante, rabiscam, desenharam, anotam uma palavra ou outra. E rabiscar, nessa situação, pode ser uma atitude precursora da escrita, sendo esta última uma atividade importante por seu potencial de melhorar a compreensão e, de alguma forma, comunicar algo sobre o mistério que se encerra numa sessão de análise. Muitas vezes, certos aspectos de uma psicanálise podem ser mais bem compreendidos quando se escreve e se reescreve sobre as sessões.

Houve crescimento exponencial de publicações de periódicos científicos nas últimas décadas (Ferreira & Targino, 2005), o que certamente se verificou também na área da psicanálise. Observa-se, porém, que para a maioria dos psicanalistas é mais comum não fazer comunicações escritas do que fazê-las. Uma rápida comparação entre o número de analistas que publicam trabalhos clínico-teóricos e o número de analistas com larga experiência clínica aponta para uma significativa desproporção: o número de analistas que publicam artigos é muito pequeno em relação ao universo de membros das sociedades psicanalíticas. Com isso, pode-se inferir que se perdem, por vezes, novos ângulos ou diferentes conotações experienciadas no trabalho individual do analista que poderiam vir a expandir ainda mais o pensamento psicanalítico. Mas por que isso acontece? O que dificulta a escrita entre psicanalistas?

Não se leva muito tempo para flagrar um empecilho que com frequência se antepõe à escrita: escrever pode ser aterrorizante! Provavelmente, um dos principais obstáculos para a experiência psicanalítica ser colocada no papel seja o medo traduzido pelas palavras de Clarice Lispector (1999, p.15):

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto - e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras - quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.

Não bastasse a dificuldade criada pelo medo de escrever, em nada desprezível, outras costumam surgir. Fazer referência ao diálogo psicanalítico, reproduzindo-o, é um exemplo, pois, de modo geral, quando se escreve uma comunicação psicanalítica, é necessário fazer alguma referência à prática, uma vez que o conhecimento psicanalítico provém, sob perspectivas diversas, da experiência clínica.

Ao tecer considerações sobre o tema, Giovannetti (2011) pinça os elementos que se fazem presentes quando se está diante dessa intrincada questão ao interrogar: “como colocar em linguagem escrita aquilo que cada um de nós ouve como escutadores profissionais da fala de um outro e como participantes ativos dessa mesma fala sem que nos sintamos traídos por nossa própria incompetência como tradutores, decapitando a cabeça de nosso analisando ou oferecendo a nossa própria para ser cortada?” (p.243).

Ou seja, como é na articulação entre teoria e prática que a psicanálise se desenvolve, aparecem, no momento da escrita, questões como: É traduzível o que acontece numa sala de análise? Qual a verdade que uma reflexão ou uma conclusão do analista pode conter? Como transcrever o que se apreende numa sessão analítica?

Azambuja (2000) discute essas questões ao recordar sua própria dificuldade com a teorização do diálogo analítico, especialmente com sua comunicação, inclusive até na intimidade da supervisão. Ressalte-se, entretanto, que a autora, quando escreveu sobre a natureza dessa dificuldade que ora acomete a tantos analistas, possibilitou que nessa reflexão dialogue-se com ela sobre esse tema, recriando o caminho de pensar sobre as comunicações psicanalíticas, pela mesma trilha na qual ela afirma ter andado: “muitos dos escritos que produzi foram feitos

dialogando com outros escritos de colegas ou mesmo com interlocutores ausentes, mas que se fizeram presentes em minhas reflexões” (2006, p. 189).

Outra barreira à escrita ergue-se quando se toma a psicanálise como ciência, em sentido estrito, quantitativo, e se parte do entendimento de que o conhecimento científico deve atingir uma verdade absoluta a ser comprovada. Sabe-se de antemão que qualquer proposição para ser considerada científica deve ter, por definição, um caráter provisório, independente da dualidade ciências da natureza/ ciências humanas. Como aponta Tanis (2014), o sofrimento dito como inerente à escrita pode estar subsidiado pela pretensão, condenada ao fracasso, de dizer tudo o que há para ser dito sobre o tema. Talvez facilite a escrita lembrar que um artigo de psicanálise não tem como pretender dar a última palavra.

A preocupação com a fidelidade absoluta à escuta é outro ponto que tende a inibir a escrita. A transcrição do conteúdo de uma sessão ou de uma vinheta clínica traz a natureza do que Bion (2004) chama de transformações. O autor compara o trabalho do analista à técnica do pintor, “por meio da qual, os fatos de uma experiência analítica (a ‘realização’) são transformados em uma interpretação (a representação)” (p.18). Ao pintar uma paisagem, o artista transforma-a numa imagem que não é igual à paisagem real, mas guarda dela elementos que Bion denomina invariantes e que permitem, de algum modo, seu reconhecimento.

A transmissão dessa ideia vai se valer do quadro *As meninas*³ (1656), do pintor espanhol Diego Velásquez, que foi copiado por muitos pintores a título de aprendizagem. Propõe-se que aqui ele seja pensado como a paisagem a ser pintada que Bion refere e as cópias feitas dele como interpretações. É preciso sublinhar que alguns pontos dessa pintura de Velásquez (como o clima da cena, a noção de profundidade, os quadros nas paredes, a tela que está sendo pintada, o autorretrato do pintor) cumprem nas interpretações, o papel de invariantes, embora apareçam de forma muito distinta da pintura original.

3 Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Meninas_\(Vel%C3%A1zquez\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Meninas_(Vel%C3%A1zquez))

Picasso copiou esse quadro mais de cinquenta vezes, com prismas diferentes entre si e absolutamente diversos daquele de Velásquez, mas o fez de tal modo que suas versões não se desvinculam do quadro do mestre espanhol. Em cada uma das várias interpretações, podem ser observados os seguintes invariantes: a infanta, suas damas de companhia, a criança que pisa no cachorro, o casal de funcionários do castelo que acompanha as crianças, o homem ao fundo que está à porta e parece afastar a cortina para melhor entrada da luz, como se pode observar em *As meninas*⁴ (Picasso, 1957). Esses elementos, além de permitirem a identificação, fazem com que *As meninas* de Picasso guardem *As meninas* de Velásquez.

Os invariantes do quadro em si e da narrativa sobre ele ainda reverberam em outras interpretações, como na pintura *As meninas*⁵ (1973), do pintor inglês Richard Hamilton. Esse pintor além de trazer a cena pintada por Velásquez, faz referência ao interesse de Picasso pela obra quando transforma os elementos da obra original, facilmente identificáveis, em figuras picassianas, como pode ser identificado no cachorro transmutado em touro.

*As meninas de Picasso*⁶, de Aguijarro (2004), e *As meninas de Velásquez - a pintura* ou *Como a pintura ficou sozinha depois da fuga do pintor com os modelos*⁷ (2005), do artista plástico português Ilídio Salteiro, também transformam e, ao mesmo tempo, preservam a pintura de Velásquez.

Isso pode, em analogia, levar a pensar que a descrição/interpretação de uma sessão psicanalítica guarde uma veracidade traduzida por invariantes captadas pelo analista. Talvez mantenha, em relação à verdade absoluta, as proporções atribuídas por Picasso à arte, quando declarou que “Todos sabemos que a arte não é a verdade – A arte é uma mentira que nos faz compreender a verdade, ao menos a verdade compreensível.” (Dupuis-Labré, 1999, p.36).

4 Disponível em <http://www.nosnomundo.com.br/2010/10/museu-picasso/>

5 Disponível em <https://www.museodelprado.es/en/whats-on/exhibition/richard-hamilton-picassos-meninas/7a501510-a120-400c-8b3b-2bfcf114f763>

6 Disponível em <https://www.artmajeur.com/pt/aguijarroo/artworks/118208/las-meninas-de-picasso>

7 Disponível em <http://www.salteiro.interdinamica.pt/artes/il/x43yv282w.htm>

Em outras palavras, os escritos psicanalíticos refletem as dimensões teórico-clínicas da psicanálise, as quais se fundam numa prática que não tem por objetivo dizer o que é verdadeiro ou falso, nem o propósito de consertar erros ou de indicar acertos. Em psicanálise, a verdade está, por assim dizer, ancorada no inconsciente e pode assumir, entre ocultamento e desvelamento, uma ou outra forma cujos derivados, algumas vezes, são intuídos ou se dão a ver num lampejo quando, em dados momentos, como afirma Freud (1937/2006), nossa isca de falsidade fisga a carpa da verdade.

Aspectos éticos também podem se levantar como veto à escrita psicanalítica, pois o exercício da psicanálise, quando inclui a escrita, lança o analista na ambivalência de um compromisso de dupla face. Ou seja, o analista tem que guardar em sigilo o que lhe é confiado na intimidade do setting pelo paciente e, ao mesmo tempo, precisa revelar, fazer comunicações aos pares sobre o que apreende em sua clínica. Gera-se, assim, um conflito diante do qual a ética conduz a uma reflexão que antecede a decisão de publicar ou não: a quem pertence aquilo sobre o que o analista pensa a partir do material de uma psicanálise?

A atitude a ser tomada quanto a publicar ou não tem origem nos valores intrínsecos de cada um, os quais definem o que é certo ou errado, justo ou injusto. Ao eleger a conduta de escrever, em geral, o analista pesa o efeito que isso terá sobre o analisando e procura meios de evitar que sua escrita tenha repercussões danosas ao paciente. Mas há quem não reconheça essa medida como suficiente e pense que, afinal, independentemente de disfarçar dados para que a pessoa não seja identificada, o material sobre o qual o analista trabalha não lhe pertence, faz parte da história ou da vivência do analisando. Sendo assim, surge a interrogação: será que em nome do progresso da psicanálise, o analista pode apropriar-se desse conteúdo?

Por outro lado, cabe também pensar que o que o analista capta de determinado caso está, de certo modo, um tanto imbricado com sua própria subjetividade, de sorte que também lhe pertence. Isso se torna mais fácil de compreender por meio do conceito de *terceiro analítico* de Ogden (2013), no qual fica bem

explicitado que, no processo analítico, além do analista e do analisando, há uma terçereidade: “O terceiro sujeito (intersubjetivo) da análise está em tensão dialética com o analista e o analisando enquanto indivíduos separados, cada qual com suas próprias subjetividades” (p.104). Essa terceira subjetividade gerada pela dupla analítica “não é um evento único, vivenciado de modo idêntico por duas pessoas; ao contrário, é um conjunto de experiências intersubjetivas, conscientes e inconscientes, construído e vivenciado conjuntamente, mas de modo assimétrico, em que participam analista e analisando” (p.105).

A bioética é uma ciência que surgiu na década de 70 com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento científico a partir da clara percepção de que nem sempre progresso científico equivale a progresso para a humanidade. Nos últimos anos, ela vem desenvolvendo princípios que normatizam a pesquisa com seres humanos, ampliando as responsabilidades do pesquisador e definindo que o interesse dos sujeitos de pesquisas deve prevalecer sobre os interesses da ciência, instituindo, no âmbito acadêmico, a obrigatoriedade do consentimento livre e esclarecido e a aprovação do projeto da pesquisa por um comitê de ética em pesquisas que envolvam seres humanos.

Em contraponto, diante das projeções que essas medidas teriam sobre pesquisas psicanalíticas, a discussão pode ser remetida às interrogações feitas por Tanis (2014, p. 30): “Quem escolhe o que pode ou não ser publicado? As equipes editoriais das revistas? Os comitês de ética e pesquisa das Universidades? Eles também decidiriam sobre o que pode ou não ser pesquisado? [...] Como isto repercute direta ou indiretamente na nossa escrita?”.

Essas questões se constituem como aberturas instigantes para discussões bem complexas que abrangem um espectro que vai da instituição de medidas protetoras para os sujeitos das pesquisas a ditames que estabelecem regras que, revestidas de certezas, podem dificultar o pensar e impossibilitar avanços na compreensão do psiquismo humano.

É necessário frisar que a ação de investigar está no âmago da própria definição de psicanálise e que sua condição de disciplina científica torna as publicações sobre

essa investigação imprescindíveis. Nas palavras de Eizirik (2006), “a psicanálise necessita da pesquisa para continuar produzindo conhecimento, não se estagnar em fórmulas repetitivas e encontrar sempre novas formas de diálogo com outros saberes”.

Dentro desse espírito, é preciso buscar meios para contornar as dificuldades para o ato da escrita, reencontrando em Freud orientação para essa busca quando, em carta a Fliess (Masson, 1986), ele, referindo-se à escrita de *A interpretação dos sonhos*, deixa entrever como redigia:

[...] segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o célebre princípio de Itzig, o viajante dominical:

“Itzig, aonde você vai?”

“E eu sei? Pergunte ao cavalo.”

Não iniciei um só parágrafo sabendo onde ele iria terminar.

É claro que o livro não foi escrito para o leitor; depois das duas primeiras páginas, desisti de qualquer tentativa de cuidar do estilo (p. 320).

Também é necessário encontrar uma interface de compatibilidade com as exigências para publicação, sejam questões éticas, sejam normas dos periódicos, sejam regras acadêmicas. Novamente, uma inspiração pode vir de Freud (1915/2006), quando ele, diante de todos os desafios que enfrentou para desenvolver a psicanálise e difundi-la como uma disciplina científica, questionou modelos dados para a ciência, ao argumentar que nenhuma ciência, nem a mais exata, começa com uma estrutura de conceitos claros e bem definidos.

Demonstrando o valor que atribuía à pesquisa psicanalítica, Freud (1912/2006) fez recomendações para seu exercício, enfatizando que não se deve trabalhar cientificamente em um caso enquanto o tratamento ainda está acontecendo. Para ele, a dedicação de um caso a propósitos científicos desde o princípio influencia negativamente seu resultado, sendo mais bem-sucedidos os casos que progridem sem qualquer intuito científico em vista. Aconselha o analista a evitar especulação, meditação ou teorização sobre os casos, na vigência da análise, e a somente submeter o material obtido a um processo sintético de pensamento após a análise ter sido concluída.

A pesquisa em psicanálise é feita com o próprio método psicanalítico, por conseguinte, origina-se na atividade do analista em seu trabalho cotidiano. A produção do conhecimento começa por um estranhamento, o que, trazido para o contexto da psicanálise, pode ser entendido como algo que se destaca na prática do dia-a-dia do analista e chama sua atenção. Para dar exemplo, pode ser um conceito que precise ser revisto, uma possível contradição da técnica, uma vivência que reclame por mais compreensão, um aspecto de uma análise que não encontre fundamento teórico satisfatório e muitas outras situações que a infinitude da realidade pode suscitar. Permitir que uma inquietação dessa natureza se insinue e se transforme numa interrogação é o primeiro passo para enveredar pela via da pesquisa e, possivelmente, para contribuir com o desenvolvimento da teoria psicanalítica, seja confirmando-a, seja alcançando novas sínteses.

REFERÊNCIAS

- Azambuja, S. C. (2000). A ética na psicanálise: uma iluminação freudiana. *Jornal de psicanálise*, v. 37, n.68, p.143-150.
- Azambuja, S. C. (2006). *Presenças e ausências, parceiras na simbolização*. São Paulo: HePsyckhe.
- Bion, W. R. (2004). *Transformações*. Trad. Paulo Cesar Sandler. Rio de Janeiro: Imago.
- Dupuis-Labré, D. (org.). (1999). *Picasso: anos de guerra, 1937-1945*. Rio de Janeiro: Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.
- Eizirik, C. L. (2006). Psicanálise e pesquisa (editorial). *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 28, n.3, p.171-2.
- Ferreira, S. M. S. P.; Targino, M. G. (Org.). (2005). *Preparação de revistas científicas: teoria e prática*. São Paulo: Reichmann & Autores Associados.
- Freud, S. (1912 /2006). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1915 /2006). Os instintos e suas vicissitudes. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923 [1922] /2006). Dois verbetes de enciclopédia. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1937/2006). *Construções em análise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Giovannetti, M. de F. (2011). Considerações sobre a escrita psicanalítica. *Ide*, 34(53), 243-248. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000200021&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 30/07/2017.
- Lispector, C. (1999). *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Masson, J. M. (ed.) (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904*. Rio de Janeiro, Imago.
- Mezan, R. (2007). Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? *Natureza Humana*, v.9, n.2, p.319-359.
- Ogden, T. (2013). *Reverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Escuta.
- Plazy, G. (2010). *Picasso*. Porto Alegre: L&PM.
- Tanis, B. (2014). A escrita, o relato clínico e suas implicações éticas na cultura informatizada. *Psicanálise* v. 16, n.1, p. 29-43.